

O machismo está presente em nossas vidas o tempo inteiro

Entrevista com Débora Diniz

Carlos Costa

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes/USP

Coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero

E-mail: ccosta@casperlibero.edu.br

Professora da Universidade de Brasília, nascida em Maceió, Débora Diniz é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 1D) e pesquisadora do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis). Membro da Câmara Técnica de Ética e Pesquisa em Transplantes do Ministério da Saúde e do Advisory Committee do Global Doctors for Choice, participa da International Women's Health Coalition. Em todas essas frentes, desenvolve projetos de pesquisa sobre bioética, feminismo, direitos humanos e saúde.

Pesquisadora visitante de instituições como a Universidade de Leeds, no Reino Unido; o Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ou da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, entre outros, ela integra ainda a equipe do blog Vozes da Igualdade¹. Débora é hoje a principal estrategista da articulação junto à Confederação Nacional dos Trabalhadores da Saúde (CNTS) que resultou em incluir o tema do aborto no topo da agenda nacional.

Uma intelectual que fala seis línguas, entre elas o japonês, doutora Diniz traz ao debate um modo inédito de tratar a questão do aborto, tornando-se um dos nomes de referência na linha de frente da nova geração de feministas.

A seguir, a entrevista que Débora Diniz concedeu, via e-mail:

Communicare - O que é, afinal, ser feminista?

Débora Diniz - Ser feminista é assumir modos de ver, mover-se quanto às injustiças do regime político do gênero e ao poder patriarcal. É recusar destinos para corpos, é resistir a uma ordem de subalternização de vidas.

Communicare - O que tanto mulheres quanto homens têm a ganhar com uma sociedade menos machista, mais feminista e igualitária?

DD - Uma sociedade sem machismo e misoginia é uma sociedade sem violência e sem desigualdades. E não estou falando de utopia. Estou falando de um mundo em que a igualdade é uma virtude e um direito, há proteção social universal, o acesso à saúde é universal e igualitário. A educação é realmente para todos e para todas. Uma sociedade sem machismo não mata nem condena mulheres por terem abortado. Uma sociedade sem machismo não culpa a vítima por ter sofrido um estupro.

Communicare - A discussão sobre o aborto persiste. Como documentarista e especialista em bioética, a descriminalização do aborto é uma demanda do feminismo?

DD - Claro. O tema do direito ao aborto legal, seguro e sem estigma é uma das principais causas feministas em todo o mundo. O tema do aborto é feminista a partir do momento em que defende a liberdade de escolha para as mulheres, independentemente de cor, credo ou falta de credo, escolaridade ou outro marcador.

¹ vozesdaigualdade.org.br

O tema do aborto é um dos mais caros à causa feminista, porque toca em uma das mais profundas tragédias em qualquer sociedade, que é a matriz patriarcal.

A legalização do aborto no Brasil protegeria milhares de mulheres e meninas que recorrem à prática ilegalmente todos os anos. Muitas delas morrem. O impacto nas vidas dessas mulheres e na saúde pública como um todo seria enorme e muito positivo. E é bom lembrar que, apesar de o aborto ser uma das principais bandeiras do movimento feminista, quem luta pela causa tem outras pautas: acesso à saúde e à justiça, acesso a creches, paridade salarial entre homens e mulheres, acesso ao mundo do trabalho, políticas de prevenção de AIDS e DSTs, acesso ao parto humanizado, fim da violência doméstica, combate à homofobia. Temos um mundo de reivindicações para a melhoria da vida das mulheres.

Communicare - O que é a bioética e como ela dialoga com o feminismo?

DD - A bioética é uma ferramenta intelectual que procura compreender e mediar desafios morais no campo da saúde e do meio ambiente. No Brasil, a bioética tem uma tradição maior no campo da saúde e das políticas públicas em saúde. A vertente ambiental ainda é incipiente. Seu diálogo com o feminismo se dá em temas específicos de saúde, em particular com o tema do aborto, do acesso e do uso de tecnologias reprodutivas conceptivas, do acesso e uso de técnicas genéticas para prevenção de doenças, entre outros temas.

Communicare - Países como a Suécia e a Finlândia, possuem taxas altas de igualdade salarial entre homens e mulheres, bem como ótimas condições de vida nos âmbitos da saúde e educação. Como chegar a esse patamar?

DD - Essa é uma questão cultural e de política pública em educação muito profunda nesses países. E algo totalmente alcançável para países da América Latina, Ásia, África, Américas e o resto da Europa. Esses países mantiveram o foco no bem-estar da população como um todo. Não vemos ali desigualdade como temos por aqui. A questão da desigualdade social é um dos pilares para uma sociedade mais justa com as mulheres.

Communicare - Educação e saúde têm relação, na perspectiva feminista?

DD - Certamente. As escolas devem ensinar meninos e meninas sobre respeito e igualdade. Famílias devem ensinar seus filhos a não estuprar, a não violentar, a não bater em mulheres e em ninguém. É pela educação que se vencem e superam ideais retrógrados e patriarcais. É pela educação que criamos crianças e adolescentes com espírito crítico e senso de justiça. Pelo acesso à saúde garante-se o acesso à cidadania a pessoas de qualquer classe social, mas em particular aos menos favorecidos.

Communicare - Algumas feministas argumentam que os homens não deveriam participar do movimento, outras pensam o contrário. Como pesquisadora, antropóloga e feminista, qual é a posição que os homens podem exercer no movimento?

Debora Diniz – Acho que podemos, sim, ter homens como parceiros no movimento. Esse não é um tema que me preocupe muito. Estou mais interessada nas ideias e argumentos do que na corporificação de quem fala – não acredito que sexagem seja o destino para legitimidade de voz política.

Communicare - Que influência as universidades e centros de pesquisa têm sobre o feminismo?

DD - A academia é mais um espaço de disputa para o feminismo, com a retórica da ciência, da teoria e dos dados sobre o real. Mas é também mais do que apenas um espaço – é um espaço privilegiado pelo poder da ciência e do conhecimento. Quando falo, sou lida ou ensino, ocupo diferentes espaços de poder e saber – o reconhecimento de ser uma professora e autora. Não podemos ignorar esse poder das universidades. Para nossa força política e fragilização das autoridades, precisamos reconhecer que a universidade é um espaço privilegiado, por isso precisamos dispor de várias vozes, diferentes localizações de reconhecimento da autoridade.

O texto recebeu contribuições de Alana Claro, estudante de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.